



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO - UNIFAMETRO
CURSO DE PSICOLOGIA

LIA SOUSA CAVALCANTE
MARÍLIA BARRETO XIMENES

**PRAÇA DO FERREIRA: Histórias, afetos, contradições e Aporofobia no Centro da
cidade de Fortaleza**

FORTALEZA

2022

LIA SOUSA CAVALCANTE
MARÍLIA BARRETO XIMENES

PRAÇA DO FERREIRA: Histórias, afetos, contradições e Aporofobia no Centro da cidade de Fortaleza

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – como requisito parcial para aprovação na disciplina. Orientadora Prof.^a Dra. Lorena Brito da Silva

FORTALEZA

2022

LIA SOUSA CAVALCANTE
MARÍLIA BARRETO XIMENES

PRAÇA DO FERREIRA: Histórias, afetos, contradições e Aporofobia no Centro da cidade de Fortaleza

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – como requisito parcial para aprovação na disciplina.
Orientadora Prof.^a Dra. Lorena Brito da Silva

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lorena Brito da Silva – (UNIFAMETRO)
Orientadora

Profa. Dra. Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira – (UNIFAMETRO)
1^a Examinadora

Profa. Msa. Amanda Livia de Lima Cavalcante – (UNIFAMETRO)
2^a Examinadora

RESUMO

O problema de pesquisa que sustenta esse trabalho é o modo como a cidade produz experiências singulares, como se houvessem “cidades” dentro da “Cidade”, tendo a Praça do Ferreira como analisador importante para pensarmos as relações e contradições da cidade e dos modos de viver neste território. Logo, o termo aporofobia pensado para se referir o ódio aos pobres, será trabalhado nesta pesquisa de modo a articular o objetivo que consiste em analisar as expressões de aporofobia na Praça do Ferreira no Centro da cidade de Fortaleza, uma vez que essa discussão permeia perspectivas de ordem subjetiva, social, política e ambiental. Enquanto metodologia, foi realizado primeiramente a relação da história das autoras com a praça, juntamente com o auxílio de pesquisas de modo virtual e físico. Para agregar, foram realizadas visitas à praça e equipamentos públicos do centro da cidade, diário de campo, cartas e fotografias desta região da cidade. Ademais, a análise dos dados foi feita através das linhas teóricas e autores que conversem com a Psicologia Social e Psicologia Ambiental, uma vez que será considerado durante as análises a história da praça, a relação a praça, o povo e a cidade como essa arquitetura pode influenciar na forma como os sujeitos experienciam a cidade. Pôde-se perceber que a Praça do Ferreira é palco para importantes eventos políticos, sociais e culturais da cidade de Fortaleza, ao longo dos anos há um processo de deslocamento da centralidade das decisões e celebrações para outros espaços, o que traz consigo certo desinvestimento do Estado em ações de conversação, cuidado e segurança – esse deslocamento acompanha uma lógica das pessoas, sobretudo da elite e classe média de frequentar espaços privados, diante do medo do público e da cidade. Nos últimos anos a cultura requalificou prédios importantes, incentivando um retorno ao centro, contudo ainda há um clima de insegurança que dificulta a presença deste lugar como referência de lazer, sendo ainda uma referência de compras. A população em situação de rua, bem como outros transeuntes da cidade, encontra diante desta disputa um território estratégico para ocupar, construindo redes relacionais e de afeto neste cenário da cidade. Consideramos que falar sobre a praça é falar sobre a cidade e que entender tais movimentações pode contribuir para repensarmos nossos modos de relacionamento, de apropriação e de produção de vida na cidade.

Palavras-chave: Aporofobia. Psicologia Ambiental. Fortaleza. Arquitetura Hostil. Praça do Ferreira.

ABSTRACT

The research problem that sustains this work is the way in which the city produces unique experiences, as if there were “cities” within the “City”, with Praça do Ferreira as an important analyzer for us to think about the relationships and contradictions of the city and the ways of living. live in this territory. Therefore, the term aporophobia, thought to refer to hatred of the poor, will be worked on in this research in order to articulate the objective that consists of analyzing the expressions of aporophobia in Praça do Ferreira in the center of the city of Fortaleza, since this discussion permeates perspectives subjective, social, political and environmental. As a methodology, the relationship of the authors' history with the square was first carried out, together with the help of virtual and physical research. To add, visits were made to the square and public facilities in the city center, field diary, letters and photographs of this region of the city. In addition, data analysis was carried out through theoretical lines and authors who talk to Social Psychology and Environmental Psychology, since the history of the square, the relationship between the square, the people and the city as this architecture will be considered during the analyzes. can influence the way subjects experience the city. It could be seen that Praça do Ferreiro is the stage for important political, social and cultural events in the city of Fortaleza, over the years there has been a process of shifting the centrality of decisions and celebrations to other spaces, which brings with it a certain disinvestment of the State in actions of conversation, care and security – this displacement follows a logic of people, especially the elite and middle class, of frequenting private spaces, in the face of fear of the public and the city. In recent years, culture has reclassified important buildings, encouraging a return to the center, however there is still a climate of insecurity that makes it difficult for this place to be a reference for leisure, while still being a reference for shopping. The homeless population, as well as other passers-by in the city, find a strategic territory to occupy in the face of this dispute, building relational and affection networks in this city scenario. We believe that talking about the square is talking about the city and that understanding such movements can help us to rethink our ways of relating, appropriating and producing life in the city.

Key words: Aporophobia. Environmental Psychology. Strength. Hostile Architecture. Ferreira Square.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Casamento na Praça do Ferreira.....	15
Figura 2 - Cineteatro SãoLuiz.....	16
Figura 3 - Praça do Ferreira e o Natal de Luz.....	17
Figura 4 - Shopping Center Um no ano que foi inaugurado.....	17
Figura 5 - Praça do Ferreira e pessoas em situação de rua.....	19
Figura 6 - Maria Izolda Cela de Arruda Coelho, a primeira mulher Governadora do Estado do Ceará.....	21

Sumário

1. CARTAS À FORTALEZA	7
1.1. Por Lia Sousa Cavalcante	7
1.2. Por Marília Barreto Ximenes	8
2. INTRODUÇÃO	10
2.1. Procedimentos metodológicos	11
3. SUBJETIVAÇÃO E TERRITORIALIDADE	13
3.1 A praça e o seu Ferreira	13
3.2 Relação praça, o povo e a cidade	18
3.3 Arquitetura e cidade: dimensões da aporofobia	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26

1. CARTAS À FORTALEZA

1.1. Por Lia Sousa Cavalcante

A Praça do Ferreira, enquanto patrimônio histórico no Centro cidade de Fortaleza, suscita inúmeras vivências e sentimentos de acordo com quem a experiencia. A partir disso, me recordo das vezes que a visitei, mesmo que poucas, todas foram marcantes por serem diferentes. A primeira vez, foi por volta dos cinco anos de idade, no famoso evento Natal de Luz, onde a Praça do Ferreira ganha decorações natalinas e luzes das mais diversas cores. Aquele ambiente à primeira vista brilha aos olhos de quem transborda naquele momento tão atrativo.

Depois, a partir do momento que o coral entra em cena, torna-se emocionante a interação das luzes com a música. Assim, reflete-se sobre as inúmeras sensações experienciadas por cada sujeito que se faz ali presente e, como a Praça do Ferreira traz uma conexão única para todos que se fazem presentes naquele evento.

Além desse momento, recordo-me de visitar a Praça e usufruir de seus serviços quando havia feiras de livros seminovos para a escola, e ao comparar com outras vezes que passei pela mesma nas correrias do dia a dia do Centro, percebi cenários diferentes, principalmente no que diz respeito à pessoas em situação de rua e inseguranças acerca daquele território. Ou seja, quando eventos são realizados ou há qualquer atração naquele território, para onde vão essas pessoas em situação de rua? Visto que não se fazem presentes quando ocorrem, porém no período da noite, usufruem daquele espaço enquanto existência.

Em outros momentos, a Praça do Ferreira com eventos fornecidos pelo governo, trazem a segurança de quem está presente, por estar lotada, cercada de seguranças, porém, por que em outros momentos ela se torna um espaço de medo e correria? Por qual motivo as pessoas evitam passar mais de cinco minutos por medo de assaltos? Como surgiu essa construção de visão de perigo naquele território? É algo a ser questionado.

Por fim, ressaltando os eventos que foram realizados e que de fato participei, foi uma atividade de panfletagem do Estágio Específico 1, onde foi realizado um evento voltado para a população. Esse evento consistia em entrega de currículo, identidade, serviços do DETRAN e divulgação do Programa Rede Aquarela, onde realizei meu estágio. Com isso, foi interessante participar do evento e perceber o auxílio para a população por meio desses eventos que são realizados. Entretanto, novamente, para onde vão as pessoas em situação de rua quando estes acontecem? Como se adaptam? E por qual motivo são expulsas daquele local muitas vezes pela

força? Com isso, faz-se necessário perceber como a visão de hegemonia, enquanto limpeza social se faz presente nesses contextos. Se tratando de um ambiente propício para uns, e para outros, nem tanto.

1.2. Por Marília Barreto Ximenes

As minhas lembranças com a Praça do Ferreira giram em torno da minha infância e da minha fase jovem adulta (a atual). Até hoje, para mim ela é um dos maiores pontos de referência do centro da cidade de Fortaleza. Quando criança, lembro-me que meus pais me levaram para o Natal de Luz que acontecia anualmente na época de dezembro. “Fiquei encantada” é o que mais me lembro. Aquelas luzes, aquele som, aquela energia natalina... era encantador. Era genuíno. Era sensível.

Lembro-me também que eu a atravessei muito. Sempre com pressa, com meu pai ou minha mãe me puxando pela minha mão por uma direção que eu nunca sabia qual que era. Sempre com força para não nos perdermos no meio de tanta gente que a Praça abrigava durante a semana, sendo a mais pura caricatura de uma realidade do centro de uma cidade grande em horário comercial.

Também me lembro que a praça já foi um ambiente em que participei como voluntária de uma ação social de distribuição de comidas. Era a noite, só não tão tarde como no Natal de Luz. Mas, apesar de horas de diferença (e em anos diferentes), pude ter a sensação como se fosse outra praça. Totalmente diferente. Sem nada mágico ou sonhador. Era bem mais real do que muita coisa de verdade que já vi.

A praça era composta, no geral, de muito silêncio. A praça em si estava iluminada, mas as ruas que a observavam, eram mais escuras e com um ar fúnebre que traziam sensações de medo e insegurança. Na praça, o público também era outro. O banco que de manhã era usado para sentar-se, à noite era usado para dormir. As portas de lojas que costumavam receber pessoas com seus dinheiros para consumir seus futuros produtos, a noite era ocupada por famílias procurando se abrigar e encontrar alguma espécie de conforto e segurança dentro do possível.

Mas tinha algo em comum: as crianças. Mas sabe qual era a diferença? É que não eram as mesmas crianças que iam para assistir o Natal de Luz. Eram outras crianças, se é que elas tinham direito de serem crianças. Enquanto no Natal de Luz eu posso me recordar com uma energia que emanava tranquilidade e suavidade (apesar de sempre estar bem lotada), na distribuição da janta, ela já era uma praça com muitas pessoas em situação de rua, com um

odor diferente, acompanhada de outras pessoas que também possuem interesse em ajudar socialmente. Aparentemente tão deserta, mas ao mesmo tempo tão cheia de gente. Gente em situação de rua, gente de história, gente de mistério, gente de passado, gente de presente e, ainda que não se saiba, gente que pode (ou não) ter o direito de ter um futuro minimamente digno.

Quando mais jovem, tive a oportunidade de começar a frequentar o Cineteatro São Luiz. Indo assistir as suas exhibições de filmes gratuitos, assim como de peças teatrais pagas. Sempre me chamou muita atenção a discrepância em que na mesma praça pode-se encontrar pessoas em situação de pobreza e miséria; mas também frequentadores com poder aquisitivo diferentes em um ambiente simbolicamente luxuoso. Para mim, é a forma mais pura de hipocrisia, desigualdade social e injustiça.

2. INTRODUÇÃO

O problema de pesquisa que sustenta essa investigação é o modo como a cidade produz experiências singulares, como se houvesse “cidades” dentro da “Cidade”, tendo a Praça do Ferreira como analisador importante para pensarmos as relações e contradições da cidade e dos modos de viver neste território. O objetivo deste trabalho consiste em analisar as expressões de aporofobia na Praça do Ferreira no Centro da cidade de Fortaleza, a fim de perceber os processos de exclusão, uma vez que essa discussão permeia perspectivas de ordem subjetiva, social, política e ambiental.

Ademais, pauta-se também em recontar a história da praça nos últimos anos, conhecendo os diferentes significados que ela carrega e compreender em que momento histórico essa praça se torna esse lugar de exclusão social. Assim, fomentando também a discussão para uma releitura das representações que a praça possuiu ao longo desses anos.

A Praça do Ferreira foi escolhida por representar na história das autoras traços de lembranças afetivas, que permeiam compreensões que envolvem angústias, como representado nas cartas; uma vez que os diferentes tipos de significados que a praça pode proporcionar para quem a experiencia, é um eixo que pretende ser analisado nessa pesquisa. Além disso, a praça que tem sua história iniciada em meados de 1908, também representa um grande referencial histórico para Fortaleza, sendo hoje um dos símbolos mais importantes do Centro da cidade, sendo chamada por alguns até como “o Coração de Fortaleza”.

Dessa forma, a Praça do Ferreira é o polo da burguesia em décadas atrás, mas também é um espaço, sobretudo, de modo mais intenso atualmente, de grande quantidade de pessoas em situação de rua, uma vez que de acordo com os dados do II Censo Municipal da População de Rua, divulgado pela Prefeitura de Fortaleza (2022), “A população em situação de rua na Cidade concentra-se principalmente na região administrativa Regional 12 (36,6%)” regional essa em que o bairro Centro faz parte.

De acordo com essa discussão, percebe-se que o Centro de Fortaleza, território onde a praça está localizada, corresponde a maior concentração de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social. Logo, é possível analisar se a arquitetura do ambiente possui influência com a política de hegemonia imposta na cidade como tentativa de limpeza social através da arquitetura anti pobres, uma vez que essa arquitetura pode ser um tipo de ferramenta que irá auxiliar na produção de experiências singulares nos modos de viver com a praça.

Portanto, a atual pesquisa propõe utilizar da revisão bibliográfica como método para o levantamento e análises dessas informações que atravessam as discussões sobre arquitetura

hostil e os modos de subjetivação. Também foram realizadas visitas à praça e a equipamentos públicos do centro da cidade, que se desdobraram em diários de campo que foram inspirando pensar a praça e o centro da cidade. Lugar de tanta vinculação, mas de algum modo, de tanto distanciamento – pensando posições geográficas de moradia, subjetivas e políticas.

Os estudos em Psicologia Social irão contribuir na análise acerca desse fenômeno de experiência de territorialização e vivência na cidade, considerando os marcadores sociais e o conceito de aporofobia enquanto fatores que influenciarão na experiência de se apropriar da cidade. Segundo Silvia Lane (2017), a Psicologia Social vê o sujeito como um ser social e produtor do meio, ou seja, faz com que suas ações tenham impacto direto na sociedade e em questões sociais, culturais e históricas (LANE, 1981).

Por fim, compreende-se por Psicologia Ambiental o estudo voltado em estudar a interação entre o comportamento humano e como o ambiente afeta diretamente nesse desenvolvimento subjetivo comportamental (SAGER, et al. 2003). Assim, a partir disso, constrói-se uma relação entre sujeito e meio priorizando o bem estar (WIESENFELD, 2005). Ademais, percebe-se também uma interrelação, uma vez que o sujeito influencia o meio sócio físico ao mesmo tempo em que é influenciado por ele.

De acordo com o exposto, relaciona-se Psicologia Ambiental com o atual trabalho diante da análise da relação entre sujeito e ambiente, ou seja, como esse ambiente afeta diretamente no bem estar do outro e, como as condições da arquitetura presentes refletem na qualidade de vida e humanização desses indivíduos.

Logo, o estudo da praça é importante para a dimensão de apropriação nos modos de subjetivação de cada pessoa em relação a praça, considerando - inclusive- os processos de desenvolvimento desse ambiente. Assim, atravessamentos como a desigualdade social e as dificuldades para a garantia de direitos nas grandes cidades são desafios que perpassam.

2.1. Procedimentos metodológicos

Inicialmente, revisitamos as memórias que trazíamos sobre a Praça. Fomos recontando histórias, costurando fatos, lembranças, “arrumações”, causos, marcos importantes da cidade. Assim, buscando informações em textos jornalísticos e informações, fomos nos inserindo. Construimos as cartas numa tentativa de marcar nossa posição ao analisar a praça. Posteriormente, abordando contextos históricos que permeiam o desenvolvimento desse território por meio de pesquisa em ambientes virtuais e físicos que contextualizam o objetivo,

desenvolvendo a história da praça e seus desdobramentos, além de ilustrações artísticas como fotografias, poesias, dentre outros; que colaborem e expressem os conteúdos trabalhados ao longo da pesquisa sobre a Praça do Ferreira. Fizemos visitas à praça, ao Museu do Ceará, ao Passeio Público, a Biblioteca Pública do Estado e construímos diários de campo a partir desses momentos.

Além disso, frisar a relação entre a Praça, o povo e cidade, abordando principalmente como se dá essa relação, levando em consideração a subjetividade e territorialidade. Para fundamentar, os estudos acerca do tema “Aporofobia”, termo criado pela autora Adela Cortina, também se fará presente, visando um entendimento acerca de como a arquitetura do Centro pode e possui influência no desenvolvimento social e político da Cidade de Fortaleza - Ceará, uma vez exercendo uma arquitetura excludente e anti pobres.

A análise foi se dando no passo que essas experiências foram acontecendo. O texto final é uma espécie de narração dessas memórias e de um processo exploratório de investigação, visto que mesmo sendo um ponto importante, estudado e descrito por campos da história, geografia, sociologia, antropologia e Psicologia, não é tão comum uma investigação que narre essa relação entre Território, modos de habitar a cidade e seus processos de subjetivação.

A abordagem consistirá como qualitativa exploratória que se trata de uma pesquisa de metodologia voltada para apresentação de resultados através de análises e percepções de acordo com o estudo, sendo de suma importância levar em consideração os discursos e significados voltados para os atores sociais do meio, fazendo com que seja abordado o problema em si e como as variáveis interagem (AUGUSTO et al. 2011 apud. Vieira e Zouain, 2005), uma vez que essa coleta será feita considerando a leitura de uma visão socioambiental crítica pautada na obtenção de representações voltadas para o tema.

Segundo Zanella (2013), a revisão da literatura, outra metodologia utilizada nesta pesquisa, possui o objetivo de apresentar os estudos e as diferentes correntes teóricas já desenvolvidas pelos estudiosos do tema. Permite, portanto, a familiarização em profundidade com o assunto.

3. SUBJETIVAÇÃO E TERRITORIALIDADE

De acordo com o desenvolvimento do trabalho, o seguinte capítulo é proposto com o intuito de trazer o contexto histórico da Praça do Ferreira, apresentando dados, curiosidades e marcos importantes que contribuíram para que o patrimônio histórico da cidade de Fortaleza se desenvolvesse e fosse reconhecido como é atualmente.

Além disso, é também crucial a abordagem de memórias afetivas da população que conhecem a Praça do Ferreira, e como essa impactou diretamente nos processos de desenvolvimento enquanto Cidade e construção dos símbolos que demarcam o que a Praça do Ferreira foi e o que é hoje, construindo uma cidade que produz experiências singulares e diferentes modos de viver.

3.1 A praça e o seu Ferreira

A Praça do Ferreira, que até então não era considerada uma praça em Fortaleza, emergiu na cidade no início do século XIX, como um espaço largo de areia, sendo composta por alguns cajueiros e casebres que rodeavam a praça. Na época, Fortaleza era um povoado e não possuía tanto desenvolvimento econômico, servindo de apoio aos barcos que navegavam entre o Maranhão e o Piauí e aportavam para se abastecer (COSTA, 2014).

Segundo a autora Clélia Costa (2014), o desenvolvimento econômico no Ceará contribuiu para atrair novos moradores e ampliar o número de empregos e de serviços urbanos na Capital. As zonas agrícolas, as rotas comerciais e marítimas e o comércio importador e exportador favoreceram os deslocamentos das pessoas da província para a capital, auxiliando o desenvolvimento. O crescimento econômico refletiu-se na paisagem urbana e na organização do espaço, que exigiu um maior controle.

Até então, a Praça já havia tido 04 nomes diferentes, mas foi somente no ano de 1871, que a Praça do Ferreira teve seu nome popularmente conhecido em homenagem ao Antônio Rodrigues Ferreira, o Boticário Ferreira, isso porque o sujeito possuía uma loja de boticário muito conhecida próximo a Praça. Sendo assim, Antônio Ferreira foi eleito presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, sendo ele um dos políticos que possuiu bastante ressalva na época, pois reformou e urbanizou a área, falecendo no ano de 1859 (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021).

Durante o processo de gestão de Antônio Ferreira, no ano de 1850, foi autorizada a derrubada no conhecido “Beco do Cotovelo”, que se tratava de uma estrutura de casebres

presentes nos arredores da Praça, sendo possível que, após a derrubada, a praça possuísse um formato retangular, como é conhecida atualmente (2022).

Conforme apresentado, no dia 7 de Setembro de 1902, a Praça do Ferreira teve sua primeira urbanização propriamente dita, sendo estabelecida pelo intendente Guilherme Rocha. Com base na urbanização, até a década de 1920, era composta por quiosques, cafés, jardim, uma caixa d'água e um catavento (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021). Os cafés costumavam ser usados como locais de movimentação intelectual, principalmente para os escritores que pertenciam ao movimento Padaria Espiritual, em 1892.

No ano de 1920, sob a administração de Godofredo Maciel, a praça passou por uma nova reforma, sendo marcada pela retirada dos quiosques e implantação de mosaicos por toda a praça, onde possibilitou a inserção de jardins e um coreto sem cobertura. Sendo assim, com essa estrutura disponibilizada, eventos eram realizados com maior frequência, inclusive, a banda da Polícia realizava apresentações às quintas-feiras (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021).

Após esse momento, no ano de 1933, a praça passou por outra reforma, dessa vez por Raimundo Girão que derrubou o coreto que havia sido implantado na praça no ano de 1920, levantando a conhecida “Coluna da Hora” no estilo Francês “Art Decó”. Sendo assim, o ano de 1933 marcou a inauguração oficial do espaço enquanto praça. Além disso, sendo festejado o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a Praça do Ferreira passou a ser reconhecida como o coração da cidade de Fortaleza (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021).

Após esse período, o prefeito José Walter, no ano de 1967, sem opinião popular, resolveu derrubar a “Coluna da Hora” e o Abrigo Central que foi implantado próximo a Praça do Ferreira, alegando um possível cedimento, visto que a coluna foi construída em cima de uma cacimba. Sendo assim, a Praça do Ferreira passou por mais uma reforma, alterando seu visual anterior de forma aparente, sendo instalado diversas estruturas de concreto e jardins suspensos que, com a nova arquitetura, impedia que o outro lado da praça pudesse ser visto.

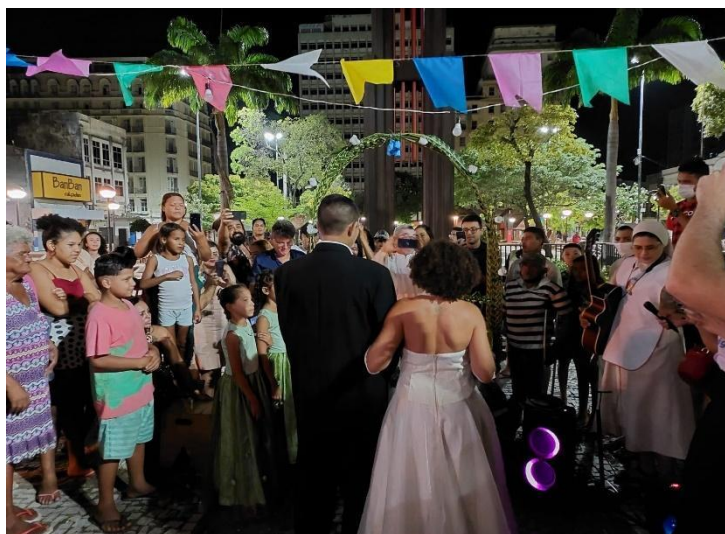
Entretanto, a população demonstrou descontentamento com essa última reforma, havendo uma insatisfação com relação às estruturas de concretos que passaram a descaracterizar mais a praça desde da sua primeira reforma.

Com base nisso, o projeto apresentado por Leon e Nilo, foi de suma importância, visto que consistia em restaurar parte dos elementos históricos da Praça com uma proposta moderna, sendo possível realizar o fato sem retirar o uso social e espaços de encontros, cujo se trata do objetivo primordial da Praça do Ferreira (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021).

Além disso, a praça também é conhecida como “a Praça que acolhe todo mundo”, como Francisco Carlos, artesão e ex pessoa em situação de rua, diz após ter escolhido a praça como espaço para realizar seu casamento com sua esposa, também artesã e ex pessoa em situação de rua, Janete Silva (DIÁRIO DO NORDESTE, 2022).

Francisco e Janete relatam que, mesmo com seu sustento vindo do artesanato com a palha de coqueiro, não é suficiente para conseguir fazer as duas refeições e, por isso, eles vão até a Praça que acolhe todo mundo (DIÁRIO DO NORDESTE, de 2022). Assim, decidiram-se casar na Praça, por também terem uma história afetiva e histórica com o ambiente, como é possível ilustrar na Figura 1.

Figura 1 - Casamento na Praça do Ferreira



Fonte: Diário do Nordeste (2022).

Em dezembro do ano de 2001, por decisão popular, a Praça do Ferreira se tornou oficialmente Marco Histórico e Patrimonial de Fortaleza, sendo implementada a Lei Municipal nº 8.605 (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 dez. 2021). Sendo assim, atualmente (2022), a Praça do Ferreira é conhecida por sua facilidade de conexão com o Centro da Cidade de Fortaleza e por ser um patrimônio histórico. Com isso, a Praça ainda abriga o Cineteatro São Luiz (1958), levando em consideração sua historicidade viva ainda presente.

O Cineteatro São Luiz (Figura 2), idealizado pelo empresário e cearense Luiz Severiano Ribeiro, foi um dos primeiros cinemas e teatros dessa magnitude em Fortaleza, tendo sua estrutura engrandecida e que se destacava como um dos melhores cinemas do país, atraindo a grande burguesia que, gradativamente, foi dando espaços aos frequentadores de outras classes sociais.

Tombado em 1991 pelo Governo do Estado do Ceará, o objetivo não era somente a preservação física, mas também das atividades culturais, atividades essas que até hoje oferecem exhibições de filmes gratuitos e pagos, visitas guiadas para escolas, apresentações teatrais, dentre outros.

Figura 2 - Cineteatro SãoLuiz



Fonte: Marília Ximenes (2022).

Além disso, a Praça do Ferreira conta com outros componentes que também irão caracterizá-la e compor sua história. Dentre esses elementos, há a pastelaria Leão do Sul que de acordo com sua biografia, existe há mais de 80 anos e ao longo desse tempo se tornou ponto de encontro e até atrativo turístico da cidade de Fortaleza, vendendo o seu tão elogiado pastel com caldo de cana.

Por volta da década de 20, década em que o estabelecimento foi aberto, as vendas iniciais não eram pastéis, e sim produtos como enlatados importados, bacalhau de primeira qualidade, queijos, azeitonas, vinhos, dentre outros. Naquela época, era frequente encontrar

senhores de Terno e chapéu fazendo suas compras no centro da cidade. Atualmente, o estabelecimento se faz ponto de encontro para muitos daqueles que estão passando pelo Centro da cidade.

Outro componente importante entrelaçado biográficamente com a praça é o Natal de Luz (Figura 3) que acontece desde 1997. Na época de Dezembro, a praça ganha uma decoração natalina especial, com decorações em árvores e na coluna da hora, árvore de natal com características nordestinas, uma iluminação especial juntamente com apresentações gratuitas do coral cantando músicas natalinas.

Figura 3 - Praça do Ferreira e o Natal de Luz



Fonte: Dantas (2022).

Entretanto, com a modernização e o desenvolvimento da tecnologia com a globalização, alguns locais em Fortaleza sofreram alterações, como com a chegada dos *shoppings centers*, sendo em 1974, o ano em que o primeiro shopping foi aberto em Fortaleza, o shopping Center Um (Figura 4) localizado na Avenida Santos Dumont.

Figura 4 - Shopping Center Um no ano que foi inaugurado



Fonte: Fortaleza Nobre (2010).

Assim, com a chegada desses estabelecimentos na Cidade, houve uma modificação também com a forma de ocupação e noções de pertencimento, uma vez que as pessoas com condições sociais e financeiras mais elevadas, passaram a ocupar os novos locais da burguesia, sendo o Centro - mais atualmente - não mais o local da elite e sim do proletariado, quando não, da miséria.

Por fim, enquanto uma tentativa de reavivar certas relações com o centro, a Praça continuou se modernizando com o desenvolvimento das tecnologias e, atualmente, é considerada uma Praça Conectada de Fortaleza, por disponibilizar acesso gratuito à internet por meio de sinal Wi-Fi.

3.2 Relação praça, o povo e a cidade

Atualmente, na rua, os corpos presentes naquele território, apresentam um conjunto de força na luta, estando atentos às ameaças do esquecimento que se torna direcionado a banalização do ato de existir em determinado contexto (BAPTISTA, 2000). A partir dessa luta, um espaço público que é pautado e vinculado ao desejo do existir e se fazer presente, torna-se um lugar de gestos e ações cotidianas, subjetivas e ainda que pequenas, como forma de demarcação de que aquele território está para além de exclusivo, possuindo sobrevivências e experiências de cada ser existente ali (BAPTISTA, 2000).

De acordo com a diferença na produção de historicidades enquanto existências na atualidade, os trajetos presentes que perpassam a cidade, representam diretamente o contexto histórico que aquele se deu. Ou seja, cada passo e ambiente de um ponto específico apresenta lutas, planos, acasos e vivências. Com base nisso, cada corpo que se insere em determinado

contexto, se encontra sujeito à história, e essa à esses corpos. Assim, o vagar pela cidade, traz consigo diferentes modos de se relacionar, estabelecendo vínculo entre cidade e sujeito (BAPTISTA, RIBEIRO, 2015).

As cidades se encontram diretamente programadas para a mobilidade de um corpo saudável visando a ordem urbana. Porém, muitas vezes um detalhe pode trazer consigo questões inesperadas acerca de quão inclusiva essa cidade é. Ou seja, uma queda de um sujeito que transita por essa cidade, pode representar questões jamais imaginadas, isto porque, como dito anteriormente, cada um faz um uso diferente desse meio, levando em consideração a subjetividade, e como essa cidade se encontra programada para acolher ou excluir essas diferentes demandas encontradas diariamente (BAPTISTA, RIBEIRO, 2015).

No desenvolvimento das cidades, costumam vender-se um capital que é pautado majoritariamente na qualidade de vida, e isso frequentemente é colocado em questão nas vias de comunicação como forma de discorrer sobre o contraste acerca do que é passado para fins monetários. Com base nisso, diariamente, conforme a evolução das cidades e a crescente disseminação de informações, cenas de desigualdade que insistem em romper com a visão de cidade bem estruturada estão cada vez mais em evidência. Ou seja, apenas o fato de existir naquele contexto abala visões e comportamentos naturalizados diante de um contexto desigual e excludente (BAPTISTA, RIBEIRO, 2015).

É comum que, diariamente, pessoas que fazem o mesmo percurso no decorrer da cidade ou usufruem de determinado espaço enquanto existência, passem despercebidas, levando em consideração o silêncio de cada uma no processo do não ser vista (Figura 5). E, a partir do momento que, algo extremo acontece, ganhando notoriedade, o nome e questões singulares são levantadas. É contraditório, pois até que ponto uma pessoa precisa ser apagada e silenciada para ganhar voz diante da sociedade que transita frequentemente na cidade? Assim, os processos de exclusão e silenciamento se tornam cada vez mais frequentes (BAPTISTA, RIBEIRO, 2015).

Figura 5 - Praça do Ferreira e pessoas em situação de rua



Fonte: Dantas (2022).

A relação entre a Praça, o povo e a Cidade, se dá através de componentes que se integram diariamente. Ou seja, a Praça do Ferreira enquanto ponto da Cidade de Fortaleza e as pessoas que transitam pela mesma. Com base nisso, é de suma importância compreender como funciona o trânsito dessas pessoas pela cidade e como se dá a relação com a Praça, que símbolos compõem o desenvolvimento urbano e subjetivo desse território.

De acordo com Santos (2002), o território se trata de uma categoria central, onde ignora uma visão geográfica pela qual traz território como um espaço de formações naturais. Assim, o autor propõe que o termo território está diretamente relacionado com as características físicas de uma determinada região, e como a ação do homem naquele espaço se faz presente, sendo uma combinação de técnica e política.

Logo, território se trata de um contexto em que o sujeito se encontra, levando em consideração sua realidade e, como este se apropria daquele território de acordo com as ações que são realizadas nele. O território se dá a partir de um espaço demográfico, construído de acordo com uma construção subjetiva, e de relações construídas naquele contexto. Portanto, território é compreendido de acordo com o uso dele, onde está para além de uma dimensão física, e sim, como sentido existencial do mesmo (Santos, 2006).

Com base no desenvolvimento da Praça do Ferreira até os dias atuais que permeiam o cotidiano, passou pela sua primeira reforma no ano de 1902, como dito anteriormente. Com base nessas reformas, esse processo de remodelação foi pautado na modelação conhecida como “Belle Époque”, termo francês que traduz o encantamento pelo pela Europa com base na modernização. Sendo assim, esse processo produz novos parâmetros voltados para o desenvolvimento financeiro, cultural, urbano e político, o que faz com que seja afetado

diretamente a subjetividade das pessoas que usufruem daquele espaço, comportamentos, condutas e modos de viver e sentir (COSTA, 2019).

Portanto, cabe ressaltar que a Praça do Ferreira passou por várias reformas a fim de modernizar a proporcionar um ambiente mais propício para as pessoas que transitam e transitavam por ela ao longo dos anos, o que fez com que se tornasse um patrimônio de referência das historicidades da Cidade de Fortaleza (COSTA, 2019).

As reformas urbanas utilizadas na Praça do Ferreira foram realizadas e alteradas pelas figuras de poder da época, em sua maioria, na figura masculina. Além disso, revelando poderes políticos que configuram essa demarcação no território. Assim, cabe ressaltar que, esses nomes utilizados como, Prefeitos, Governadores e Deputados marcaram a história da Praça na utilização dessas reformas e em reformas na própria cidade de Fortaleza, tendo seus nomes ressaltados atualmente em ruas, praças e avenidas (COSTA, 2019).

Com base nisso, é comum questionar-se como desde o desenvolvimento político até o urbano são demarcados por homens em posições de poder (Figura 6), tomando decisões acerca desses desdobramentos perante a sociedade. Isso é perceptível no decorrer da sociedade de cunho machista com enraizamentos que ainda se faz tão presente na sociedade, silenciosamente silenciando mulheres e as incapacitando de tomar decisões que contribuam para a sociedade (COSTA, 2019).

Figura 6 - Maria Izolda Cela de Arruda Coelho, a primeira mulher Governadora do Estado do Ceará.



Fonte: Dantas (2020).

A exclusão social pode acontecer pelos mais diversos motivos, como razão étnico racial, religião, social ou psicológico. Segundo a OPS (Organização Pan-Americana de Saúde, 2003), ressalta-se exclusão social como um processo de falta de recursos, oportunidades e pertencimento de determinado grupo social ou contexto que o indivíduo se encontra inserido socialmente (COSTA & IANNI, 2018).

Portanto, ao falar sobre como as relações construídas da Praça do Ferreira se dão ao longo do tempo, é importante ressaltar como a exclusão social se encontra nesse contexto. Assim, ao falar dessa não inclusão social, traz consigo o conceito de que se trata um processo que afeta estatisticamente diretamente grupos sociais, definidos como subproletariados. Ou seja, produz um afastamento ou privação de indivíduos, nas mais diversas esferas da sociedade, afetando assim, sua estrutura social (ZIONI, 2006).

A partir do desenvolvimento e das reformas da Praça do Ferreira, os poderes públicos da Cidade eram preenchidos pelas elites que possuíam fundos monetários suficientes para exercer tais funções, sendo as reformas utilizadas como nivelamento de padrões e referências de civilização correta, tendo em vista como parâmetro a estética dos centros urbanos europeus (COSTA, 2019).

As medidas utilizadas traziam consigo visões de padrões elitistas para a sociedade, possuindo claramente elementos destoantes frente a uma sociedade bem estruturada. Sendo assim, pessoas que fugiam da norma da elite, eram banidos do espaço, ressaltando a hegemonia daquele território. Assim, esses eram vistos como agentes nocivos ao processo de civilização normatizadora (COSTA, 2019).

As ideias norteadoras voltadas para dos projetos de urbanização da Praça fundamentam um incremento comercial daquele território, priorizando o desenvolvimento econômico, sendo compreendidos como partido arquitetônico adotados pelo urbanista em parceria com gestores públicos que visam o resgate dos agentes mobiliários urbanos, levando em consideração a relevância histórica da praça, tendo em vista mudanças e melhorias no espaço público, possibilitando atividades turísticas novamente (COSTA, 2019).

Levando em consideração os centros comerciais da Praça do Ferreira que visam reerguer uma força econômica perdida com o tempo da Praça e por extensão o Centro da cidade que possuíram suas atividades econômicas prejudicadas pelos shoppings centers, e pela manutenção da visão de hegemonia política pautada nas políticas sociais (COSTA, 2019).

3.3 Arquitetura e cidade: dimensões da aporofobia

Aporofobia, termo desenvolvido pela escritora e filósofa espanhola Adela Cortina, se refere ao “ódio, repugnância ou hostilidade ante o pobre, o sem recursos, o desamparado” (2020). O termo é composto por duas palavras gregas que são: "áporos", que significa o pobre, o desamparado; e "fobéo", que significa aversão. Cortina propôs esse termo a Real Academia Espanhola, em 2014, com a proposta de nomear uma vez que, segundo ela:

é indubitável que seja urgente dar nome a essa rejeição do pobre, do desamparado, porque essa atitude tem uma força na vida social que é ainda maior, precisamente porque atua a partir do anonimato. Justamente porque sua realidade incontestável não tem uma existência reconhecida, é que não se pode ser desativada (2020, p. 32).

Dessa forma, o termo destinado a se referir ao ódio aos pobres, foi eleito a palavra do ano em 2017 pela Fundação Espanhol Urgente (Fundéu). De acordo com o diretor geral da Fundação, Joaquin Muller, é importante “nomear as coisas para torná-las visíveis. Se eles não têm, essas realidades não existem ou são borradas” (MULLER, 2017). Logo, o termo proposto foi destinado a nomear aquilo que Cortina já havia percebido que existia, mas a falta de um signo capaz de expressar o efeito, dificulta a intenção de denunciar e problematizar acerca do efeito ao ódio aos pobres, seja através da arquitetura e/ou na forma que a sociedade se expressa colocando cada vez mais a margem aqueles que estão em desvantagem social.

No Brasil, esse termo ganhou força através do movimento social de denúncia feito pelo Padre Júlio Lancellotti, ativista pelos direitos humanos que utiliza sua rede social para divulgar frequentemente casos, em torno de todo o país, de arquitetura higienista que reproduzem essa fobia aos pobres (Rede Brasil Atual, 2021).

Atualmente, Lancellotti, que assume o cargo como coordenador da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, soma quase 1 milhão de seguidores, tendo seu nome em um projeto de Lei, que ainda está em processo de aprovação, e que possui como objetivo “impedir a implantação de técnicas e construções que usem equipamentos para afastar ou restringir o uso de espaços públicos, principalmente por pessoas em situação de rua” (BBC, 2020)

A pergunta “para quem é a cidade?” traz consigo questionamentos em torno da territorialidade no sentido de que determinados espaços não se fazem presentes e disponíveis para todos os indivíduos. Ou seja, o bairro Praia de Iracema, outro bairro de Fortaleza conhecido por um médio Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) segundo os parâmetros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que, por sinal, também se encontra na regional 12 de Fortaleza, segundo a nova divisão de Regionais que passou a ser válida a partir

de 2021¹; já possui qualidade de vida diferente dos residentes no Centro, uma vez que se trata de um dos bairros nobres da cidade. Logo, ressalta-se a questão de higienismo da cidade, pois um bairro nobre da cidade sendo visualmente dito como sujo, o valor de residências e negócios no local cairia de forma significativa.

Vale ressaltar que a partir dessa visão de higienismo na cidade de Fortaleza, a arquitetura e comportamentos sociais geralmente visam esse método como forma de mascaramento de uma cidade limpa e livre de desigualdades sociais, utilizando como foco o atrativo visual. Sendo assim, esse higienismo de fato propõe uma visão de cidade acolhedora colocando também como preparada para receber turistas a fim de lucrar cada vez mais, visto que, conforme a cidade se torna mais atrativa visualmente, mais turistas recebem e, conseqüentemente, mais lucros para agências de turismo e setores voltados para essa recepção, enquanto aqueles que estão em situação social vulnerável estão cada vez mais sendo colocados a margem.

Nesse caso, Padre Júlio Lancellotti vem permitindo que a discussão sobre aporofobia se popularize em torno do país, produzindo uma discussão em torno da problemática da desigualdade social, e o quanto as arquiteturas que possuem como finalidade essa expulsão e esse higienismo social é séria e deve ser questionada, uma vez que a denúncia passe a ser uma forma de cobrança para que os respectivos responsáveis recuem e se responsabilizem por tais instalações.

Sendo assim, essa arquitetura está estritamente voltada a proporcionar uma visão higienista de “sociedade bem estruturada”, ou seja, uma luta diretamente referente aqueles que possuem condições econômicas e sociais inferiores, fazendo com que a gravidade da situação seja velada, pois passa uma ideia de limpeza social, ou seja, hegemonia.

Com isso, ressalta-se também a falta de direito básicos de humanização e cidadania que esses sujeitos passam, visto que, ao encontrar-se em situação de rua e vulnerabilidade social, o mesmo tem sua identidade social comprometida, fazendo com que fique sujeito à marginalização e situações de negligência.

Ademais, o conhecimento voltado para a arquitetura anti pobres na cidade de Fortaleza, mais especificamente no bairro Centro, poderá fomentar intervenções que visem uma diminuição dessa violência social velada que potencializa o processo de higienismo e implica na experiência de vivência do sujeito no território, uma vez que essa arquitetura hostil irá

¹ Em janeiro de 2021, Fortaleza passou de 7 para 12 regionais, com 39 territórios administrativos, na qual a divisão seguiu como critérios seguindo “a quantidade de habitantes, a área de cada bairro, a aproximação cultural e a utilização de equipamentos públicos pelos habitantes”, segundo a Prefeitura de Fortaleza, 2021.

influenciar na forma que o sujeito experimentará a cidade, tornando-a inabitável e implicando no processo de subjetivação dessa experiência, fazendo questionar “para quem é a cidade?”.

Portanto, cabe nessa discussão trazer como foco os territórios em que as pessoas em situação de rua se encontram visto que, conforme os dados do II Censo Municipal da População de Rua, divulgado pela Prefeitura de Fortaleza (2022), o Centro da cidade de Fortaleza apresenta maior número de pessoas em situação de rua, isso porque se trata de um meio em que mais fornece apoio e auxílio para esses sujeitos, na qual disponibiliza espaços para dormir, comida e higiene básica, ou seja, programas voltados para esse apoio.

Assim, é possível analisar a relação da arquitetura anti pobres do Centro da cidade com a exclusão das pessoas em situação de rua, uma vez que, como visto, ao longo dos anos a Praça passou por mudanças arquitetônicas importantes, mas nenhuma se mostrou ter como objetivo transmitir uma política de acolhimento com as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Com base nisso, é notório como essas mudanças contribuíram para majoritariamente propor uma política de exclusão social, ainda que, visando reestruturar um comércio afetado pelas mudanças da modernidade, como já comentado no decorrer do trabalho, que fizeram com que a população usasse a Praça do Ferreira apenas como um ponto de referência. E, assim, a visão construída acerca da mesma, é composta por medo e preconceitos pautados pela marginalização de um ambiente que acolhe pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Por fim, é importante ressaltar que a arquitetura hostil pode ser usada como um mecanismo de higienismo, reproduzindo o que Cortina propõe com o conceito de Aporofobia, uma vez servindo de ferramenta para (re)produções de exclusão social, sendo em grande parte anti pobres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é possível concluir que de acordo com a pesquisa realizada, a Praça do Ferreira enquanto patrimônio histórico, passou por diversas reformas que contribuíram para a

construção de uma identidade a cada modificação. Além disso, vale ressaltar que a partir dessas modificações que perpassa sua historicidade, a sociedade também evoluiu como um todo e, essas evoluções contribuíram para que houvesse a formação de visões acerca da Praça em si e, conseqüentemente, produziu experiências singulares,

Assim, conforme os ideais modernos e a tecnologia iam surgindo, a Praça do Ferreira foi passando de ser um dos principais polos da elite fortalezense, para ser palco das passadas corriqueiras, e abrindo brecha para que a população construísse visões que reforçam uma noção de marginalização daquele território, o que contribuiu para que esta fosse trocada por ambientes que possuem uma noção de segurança garantida, como o caso dos shoppings.

A partir disso, a Praça do Ferreira passou a acolher pessoas em situação de vulnerabilidade social, usufruindo daquele espaço enquanto existência, o que fez com que as noções de hegemonia fossem reforçadas como, a Praça só será frequentada novamente sem um receio, quando houver uma limpeza social acerca das pessoas em situação de rua que se fazem ali presentes, havendo a possibilidade da arquitetura hostil ser utilizada como instrumento dessa hegemonia social.

Por fim, a elite da cidade não quer ver a desigualdade social nem a pobreza, ainda que os dados demonstrem que a cidade se torna uma das maiores no Brasil.

Segundo a Prefeitura de Fortaleza (2022), as pessoas em situação de rua cresceram 53,1% diante da pesquisa realizada em 2014. A pesquisa mostrou que 2.653 vivem em situação de rua. Vale ressaltar também que a Praça antes sendo vista como uma referência da elite na cidade, hoje acomoda justamente pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Assim, por falta de investimentos, como era o foco anos atrás, como dito anteriormente, a Praça do Ferreira passou a ser palco de desestruturação cultural e social. E, a partir disso, hoje essas pessoas ocupam esse território, o que faz com que o Estado e a sociedade ignorem de maneira pretensiosa, omitindo-se de uma responsabilidade, gerando mais negligência perante essa situação.

REFERÊNCIAS

aporofobia, palabra del año para la Fundeu BBVA. FundeuRAE | Fundación del Español Urgente. Disponível em: <<https://www.fundeu.es/recomendacion/aporofobia-palabra-del-año-para-la-fundeu-bbva/>>. Acesso em: 12 Mar. 2022.

ASALE, RAE ; RAE. Dicionario de la lengua española RAE - ASALE. “Dicionario de la lengua española” - Edición del Tricentenario. Disponível em: <<https://dle.rae.es/aporofobia>>. Acesso em: 12 Mar. 2022.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque; SOUZA,; HELENA, Eloise; *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, p. 745–764, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbdHtWhqjxMyZQ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 Dez. 2022.

BAPTISTA, Luis Antonio; RIBEIRO, Elton Silva. **Ruídos e silêncio de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo**. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n2/v22n2a08.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

CLÉLIA LUSTOSA COSTA, Maria. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://institudoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/03_FortalezacapitaldoCeara.pdf>.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO Agosto 2005. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>.

CONCEITOS, HISTÓRIA E ATUALIDADE 2017. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0421.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Conheça Janete e Francisco, que moravam na rua, viraram artesãos e casaram em praça de Fortaleza. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/conheca-janete-e-francisco-que-moravam-na-rua-viraram-artesaos-e-casaram-em-praca-de-fortaleza-1.3250577>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

CORTINA, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. | Adela Cortina; tradução de Daniel Fabre – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

COSTA, Maria Isabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. **A dialética do Conceito de Exclusão/Inclusão Social**. Disponível em:<<https://books.scielo.org/id/sysng/pdf/costa-9788568576953-04.pdf>>. Acesso em: 28 nov.2022.

DIÁRIO DO NORDESTE, 2021. Praça do Ferreira completa 30 anos de história com a atual estrutura arquitetônica; relembre mudanças na história. Disponível em:<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/praca-do-ferreira-completa-30-anos-com-atual-estrutura-arquitetonica-relembre-mudancas-na-historia-1.3171134>>. Acesso em: 21 de set. 2022.

Entenda a nova territorialização administrativa de Fortaleza. Ce.gov.br. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/entenda-a-nova-territorializacao-administrativa-de-f-ortaleza>>. Acesso em: 3 abr. 2022.

Frederico Augusto Nunes de Macêdo Costa (2019): “A praça do ferreira – seus momentos de

Intervenção urbana em seus diferentes contextos: econômico, político e social”, Revista Caribeña de Ciencias Sociales (diciembre 2019). En línea: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/12/praca-ferreira.html>. Acesso em: 05 de dez. 2022.

LUZ. Ceará Natal de Luz 2022. Cearanataldeluz.com.br. Disponível em: <https://www.cearanataldeluz.com.br/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

LUIZ, São. Documentário - Cineteatro São Luiz (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=walNn6kciAg&t=1032s>. Acesso em: 24 nov. 2022.

Pastelaria Leão do Sul. Leadosul.com.br. Disponível em: <https://www.leadosul.com.br/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

PATRICIA. Prefeitura de Fortaleza divulga Censo da População de Rua. Ce.gov.br. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-divulga-censo-da-populacao-de-rua>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Prefeitura de Fortaleza divulga Censo da População de Rua. Ce.gov.br. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-divulga-censo-da-populacao-de-rua#:~:text=As%20tr%C3%AAs%20regionais%20totalizam%2070,2%2C2%25%20em%20ocas>. Acesso em: 11 Mar. 2022.

SANTOS, Tércio; CARVALHO, Vieira; CÉSAR, Inácio; *et al.* **PSICOLOGIA SOCIAL:**

Zioni, Fabiola Exclusão social: noção ou conceito?. Saúde e Sociedade [online]. 2006, v. 15, n. 3 [Acessado 28 Novembro 2022] , pp. 15-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000300003>. Epub 10 Mar 2008.

SANTOS, Tércio; CARVALHO, Vieira; CÉSAR, Inácio; *et al.* **PSICOLOGIA SOCIAL: CONCEITOS, HISTÓRIA E ATUALIDADE 2017.** [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0421.pdf>.

Zanella, Liane Carly Hermes Metodologia de pesquisa / Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.